

# ALIMENTAÇÃO - Tubifex, um mal necessário

“Tudo o que você queria saber sobre tubifex mas teve nojo de perguntar”

por Gustavo Grandjean



© GRANDJEAN

É um paradoxo. Ruim com eles, pior sem. Os tubifex, anelídeos de água doce amplamente utilizados no hobby aquarista como alimento vivo, levam ao desespero os criadores quando estão em falta no mercado, trazendo à tona um problema antigo enfrentado por todos nós: a manutenção de peixes que dependem de alimentos vivos.

Anelídeos oligoquetas da família TUBIFICIDAE, os tubifex que encontramos em lojas de aquário no país pertencem, quase sempre, ao gênero *Tubifex*, que engloba diversas espécies. As mais comumente encontradas nas localidades-tipo são *Tubifex tubifex*, *Tubifex rivolorum* e outros *Tubifex* sp., além de minhocas e sanguessugas que se misturam aos tubifex nos riachos em que são coletados.

A falta de literatura científica somada ao desconhecimento geral impede, muitas vezes, a identificação de gêneros e espécies de anelídeos dulcícolas. Outros fatores dificultantes são os clitelos (órgãos reprodutores) diminutos desses vermes que, usados para identificação, são retraídos pelo organismo após a cópula, além do fato de as características fenotípicas dos anelídeos se alterarem de acordo com o meio. A classe Oligochaeta engloba umas 3.000 espécies descritas, onde as formas menores e aquáticas, denominadas microdiles, são minoria. Entre elas, há pouco mais de cem espécies de TUBIFICIDAE descritas. A sistemática é bastante complexa e instável, devido às muitas descrições superficiais das espécies e gêneros. No Brasil há poucos trabalhos sobre o tema e a maioria trata de oligoquetas marinhos.

Os tubifex habitam o meio aquático em todos os continentes, quando não, outras poucas espécies ocupam seu nicho. São encontrados em estuários, lagunas, rios, riachos e esgotos, preferindo ambientes de fundo lodoso e poluído, onde poucas espécies oferecem risco de predação. Por suportar ambientes poluídos e com baixo nível de oxigenação, encontram nos desaguadouros de abatedouros, frigoríficos e granjas o habitat ideal, com água corrente e matéria orgânica abundante, constituída de sangue e restos de animais abatidos despejados. Devido a essas características, os tubifex são bastante utilizados como indicadores das condições de meios aquáticos poluídos e anaeróbicos.

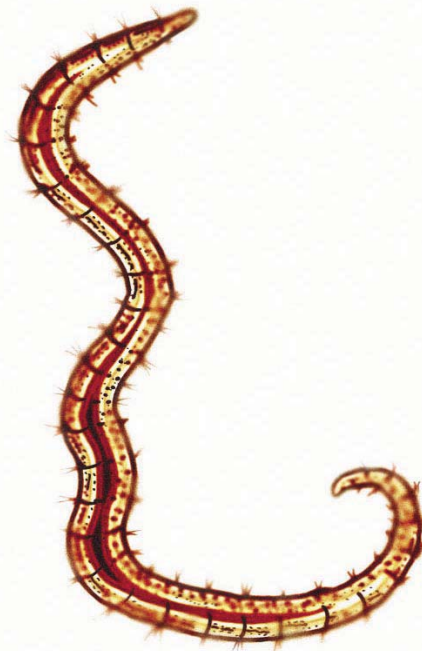
Quando se encontram em um meio ideal, os tubifex são muito prolíficos e vivem em colônias de milhares de indivíduos, que se fixam ao meio turbulento de águas correntes se enterrando no meio lodoso e

se entrelaçando uns aos outros, formando imensas bolas que resistem à correnteza. São hermafroditas com fecundação cruzada e desenvolvimento direto e, para se reproduzir, precisam trocar cápsulas de esperma que são introduzidos no orifício genital feminino onde, juntamente com os óvulos, são envolvidas num casulo onde há a fecundação e de onde saem os filhotes, depois de algumas semanas.

Após a enumeração de diversas particularidades desses anelídeos, fica mais evidente que a manutenção de culturas de tubifex em cativeiro deve encontrar muitas dificuldades e carece de muita observação e cuidados. Em geral, acaba se revelando uma tarefa infrutífera e muito trabalhosa, se comparada à captura em seu ambiente, que também não é uma demanda das mais fáceis. As poucas pessoas que se prestam a esse trabalho são atraídas pelo mercado crescente de aquaristas que, dia-a-dia, tornam-se dependentes de alimentos vivos para os peixes. E se tratando de um trabalho informal e desprovido de estrutura e organização, está sempre à mercê das agruras de nosso clima tropical, onde uma tempestade de minutos acaba por tornar impossível a coleta nos locais conhecidos, que ficam completamente inundados. Há figuras lendárias que realizam a tarefa de coletar e distribuir nas lojas, como o Sr. Takesi e o ilustre Anacleto, conhecidos de muitos hobbistas e lojistas de São Paulo. São os responsáveis por quase todo o tubifex vendido na capital paulista, coletados nas cercanias de Jundiá e, por vezes, próximo ao rio Tietê, na região do Tatuapé. A coleta é trabalhosa, os coletores têm que enfiar as mãos – quando não mergulhar o corpo inteiro – nas águas sujas e fétidas dos desaguadouros, com fundo lodoso e instável, fervilhante de bactérias e organismos causadores de doenças em peixes e humanos. Tão trabalhosa quanto a coleta é a tarefa de limpeza e separação das bolas de tubifex do resto de lama, sujeira e detritos que vêm com o montante.

Há também outros personagens interessantes como alguns criadores que se empenham em conservar da melhor maneira as porções de tubifex adquiridas nas lojas, para que possam durar o maior tempo possível para alimentar seus peixes. Um deles é o Roberto Zucchini, conhecido criador de killis “dos tempos da UPK”, que gasta um bom tempo do seu dia cuidando dos tubifex, que são acondicionados por ele em aquários grandes com coluna d’água baixa e aeração. “Precisa trocar a água pelo menos duas vezes por dia”, garante. Essa fórmula de acondicionamento ele criou após inúmeras experiências e frustrações, mas admite que existem outras maneiras quase tão eficientes. “Há quem deixe em bandejas grandes com pouca água, como nas lojas, fazendo trocas várias vezes por dia. Eu prefiro do meu jeito”, conclui. Roberto é outra enciclopédia ambulante do mundo dos killis e muitos garantem que ele cuida melhor dos tubifex. Pura maldade. Para auxiliar na limpeza da “cultura”, Roberto chegou a oferecer cascas de batata e cenoura aos anelídeos. “A ingestão desses alimentos auxilia na desintoxicação do sistema digestivo do tubifex, que eliminam a sujeira e microorganismos nas fezes. Por isso as trocas de água são importantes”. Ele também ensina que muitas minhocas vêm misturadas ao tubifex, as quais devem ser separadas e oferecidas a peixes maiores, enquanto os tubifex vermelhos, menores, devem ser oferecidos a peixes pequenos e em crescimento. “Apenas tome o cuidado de que o tubifex caiba na boca do peixe, senão pode sufocar”, adverte. “Ah, os “tubis” preferem água fria, às vezes acabam morrendo quando a água esquentada, dizimando a cultura”. Bem lembrado!

Paulo Ferreira Canaes, outro aficcionado por killis e detentor de invejável conhecimento acerca de nomenclaturas e sistemática de inúmeras espécies de organismos (inclusive killis) faz uma distinção: “São duas espécies principais que ocorrem no Brasil. São *T. tubifex* e *T. rivolorum*, muito provavelmente a primeira se refere aos tubifex vermelhos - conhecidos em outros países como bloodworms, enquanto a segunda se trata do blackworm, os tubifex mais escuros. Além deles



há um outro gênero muito utilizado no hobby em outros países, é o gênero *Limnodrilus*, que ocorre no México, se não me engano”. E, como o Paulo dificilmente se engana, é sim um gênero nativo do México, ocorre mais precisamente em águas salobras nas proximidades dos lagos Alchichica e Atexcac. São muito usados em países da América-Latina, central e até nos EUA.

Alguns alertam para os cuidados com a higiene quando lidamos com tubifex. Bruno Silveira, que trabalha com peixes há nove anos, dá alguma dicas: “Os tubifex chegam esgotados às lojas após a coleta, é necessário um trabalho exaustivo de trocas de água para se recuperarem. As trocas são essenciais para